

## EXAME DE MESTRADO EM BRUXARIA E FEITIÇARIA

Folha IX (secção C)

Os acontecimentos que levaram à matança de Mhoire Ochone

Escolha múltipla. Uma das seguintes frases é falsa.  
Marque apenas UMA opção.

Os candidatos que marcarem mais do que uma opção  
serão desqualificados.

### Pergunta 42

Recuando até ao tempo conhecido como idade das trevas, a população indígena de Dragões do estreito de Mhoire Ochone foi perseguida por possuir que características?

**A:** Os Dragões tinham capacidade de cuspir fogo, e eram então procurados para providenciar aos castelos húmidos e frios da região uma espécie de aquecimento central rudimentar (v. *Os Rolos de Cabelo Congelados do Rei James XIII*).

**B:** Os Dragões deitam ovos, os quais eram o ponto de partida para as pretensões financeiras do então medieval Grémio de Turismo Celta no que respeita a Loch Ness e a todos os mitos e lendas a si associadas (v. Leibendecker vs. Conselho de Turismo Escocês).

**C:** De acordo com alguns rumores, os Dragões possuíam grandes carregamentos de jóias e tesouros secretos escondidos no interior de cavernas e galinheiros por toda a Caledónia (v. *O Hobbit*, J.R.R. Tolkien).

**D:** Plantar dentes de Dragão no chão e regá-los com água era considerado o método mais rápido de criar um exército humano sem necessidade de recrutamento (v. *Jasão e os Argonautas*, Homero).

**E:** A capacidade que os Dragões possuem de voar tornou-os numa forma popular de transporte, útil para chegar a Auchenlochtermuchty antes da hora de fecho da Estalagem do Quid (v. "Regulações de voo para dragões-piloto apertadas após incidente sobre o Lago Gargoyle", *Notícias de Argyll*).

**F:** Para além de constituir uma excelente fonte de fosfatos, a diarria de Dragão era muito valorizada pela sua capacidade de dissolver intrusos não desejados (v. *Magia Pura e Negra*, Gliori).



## Magia Elementar

Mais tarde, Titus iria comentar que esta fora a única vez na história de toda a humanidade em que se poderia dizer que uma fralda suja tinha salvo várias vidas.

Naquela manhã memorável, desconhecendo o perigo que pendia sobre as suas cabeças, a família Strega-Borgia tentava desesperadamente enfiar-se no interior do seu velho e estafado carro de família.

A ida às compras à vila de Auchenlochtermuchty estava há muito marcada e, por essa razão, todos os membros da família — dois adultos e três crianças —, protestavam cheios de vigor, para não ficarem em casa.

Titus precisava de uma revista de computadores; Pandora tinha que comprar um produto para fazer desaparecer uma série de borbulhas que lhe tinham aparecido no queixo; a sua irmã bebé, Damp, precisava de fraldas; e os seus pais, o Sr. e a Sra. Strega-

-Borgia, tinham que ir ao banco, para tratar de assuntos chatos de adultos.

Como era habitual em qualquer passeio entre o castelo de Strega e a vila de Auchenlochtermuchty, o processo de saída de casa demorava sempre mais tempo que o planeado. As botas e os casacos tinham que ser retirados do roupeiro, tinham que se levar fraldas limpas para a Damp e bolinhos para evitar que ela morresse à fome. E Titus, para se isolar de tudo o que o rodeava, tinha que pôr os seus *headphones* altíssimos, num volume ensurdecedor.

Titus entrou para o carro, sentou-se ao lado de Damp, aumentou o volume do *diskman* e sorriu. Pandora estava do lado de fora do carro, junto aos pais, que passavam pelo habitual ritual da procura do livro de cheques e das chaves do carro. Foi com satisfação que reparou que a face de Titus mudou rapidamente para uma expressão de horror...

— PFUU! — uivou ele, competindo com o som ensurdecedor dos *headphones*. — DAMP! Que porcaria!

Ele lutou com o seu cinto de segurança, desesperado para aumentar a distância entre ele e a fralda mal cheirosa da Damp. O Sr. Strega-Borgia resmungou, desapertando o cinto à sua filha bebé, e retirando-a do carro. No preciso momento em que Damp e Titus saíam do carro, o impensável aconteceu...

Um trio de enormes e antigas telhas, agarradas por bocados de musgo à torre mais alta do castelo de Strega há mais de seiscentos anos, soltaram-se das amarras e começaram a sua descida. Num instante, estatelaram-se por ali abaixo.

Aconteceu tudo tão rapidamente que, a princípio, todos se convenceram que, por razões desconhecidas, um bombardeiro invisível tinha largado a sua carga directamente em cima do seu carro. Num minuto, estavam à volta da infeliz viatura a dizer mal da fralda da Damp, no outro, estavam deitados no chão a gemer e a tentar adivinhar o que lhes teria acertado.

— Que raio... — o Sr. Strega-Borgia levantou-se, apanhou Damp do chão e correu na direcção da Sra. Strega-Borgia para ver se ela estava bem.

— Titus? Pan? Estão bem? O que é que aconteceu? A Sra. Strega-Borgia limpou a sujidade da sua roupa e olhou fixamente para o carro com descrença.

— QUE DESTROÇO! — gritou Titus, ainda com os *headphones* na cabeça. — OLHEM PARA ELE! ESTÁ COMPLETAMENTE DESTRUÍDO... OOW!

— Pronto — disse Pandora com satisfação, — isto deve ajudar.

— Tinhas mesmo que fazer isso? — refilou Titus, olhando para a sua irmã, agarrado às orelhas. Os seus *headphones* pendiam nas mãos de Pandora.

O Sr. Strega-Borgia andava lentamente à volta dos destroços do seu carro, olhando-o de vários ângulos, horrorizado com os estragos e simultaneamente admirado com a sorte da sua família em ter escapado ilesa. Cravados no telhado do carro, num ângulo de quarenta e cinco graus, estavam três grandes pedaços de ardósia.

— Podíamos ter morrido todos ali dentro — disse o Sr. Strega-Borgia de uma forma crítica. Olhou para o telhado do castelo de Strega com os olhos semicerra-

dos, numa tentativa de localizar a origem deste atentado. A seu lado, a Sra. Strega-Borgia observava também. Esta era sem dúvida a manhã de compras mais cara de sempre. A acrescentar à sua lista de compras em Auchenlochtermuchty, tinham agora um telhado e um carro de família novos para comprar.

— Temos de mandar repará-lo — decidiu o Sr. Strega-Borgia. — O telhado está perigoso e com ar de quem nos pode cair em cima da cabeça a qualquer momento.

Todos recuaram apressadamente alguns passos, para se afastarem do perigo. Titus trepou para um pequeno muro de pedra e atirou-se para trás como que desmaiado, soltando um pequeno grito. Ignorando completamente o seu filho, a Sra. Strega-Borgia falou para o seu marido:

— Mas isso vai custar-nos uma fortuna. Olha, antes de chamares os técnicos, porque é que não me deixas tentar resolver a situação. Há um truque que aprendi no colégio... tenho a certeza que irá resultar.

— Querida, duvido que o teu diploma em magia elementar seja qualificação suficiente... — disse o Sr. Strega-Borgia, interrompendo-se abruptamente, alertado pelo olhar glacial que a sua mulher lhe deitou.

Atirando dramaticamente o seu longo xaile negro por cima dos ombros, a Sra. Strega-Borgia afastou-se do seu marido e foi até às escadas que levavam ao relvado de *croquet*.

— Eu sei que tu pensas que eu sou uma bruxa inexperiente, incapaz, incompetente... — e continuou, num soluço, — ... inconsequente.

A porta da frente abriu-se e a Sra. McLachlan, a ama de Titus, de Pandora e de Damp, apareceu a tremer, por causa do frio do mês de Dezembro, e a olhar para a família e para o seu ex-carro.

— Então, querida — disse ela, olhando profundamente para a Sra. Strega-Borgia —, não há necessidade de estar assim. Todos sabemos que a senhora é uma excelente bruxa...

— Sabemos? — murmurou Pandora.

— Eu acho que não — sussurrou Titus, gatinhando do sítio onde estava em direcção à sua irmã.

Ao lado deles, o Sr. Strega-Borgia observava. Se ao menos ela não fosse tão sensível. Ele não tivera qualquer intenção em insultá-la. Nem pensar. Talvez apenas lembrá-la que quatro meses, num curso de sete anos em magia avançada, podia significar que as suas habilidades poderiam ainda não estar assim tão apuradas para a ocasião – por enquanto.

— Vou provar-vos que estão enganados — prometeu a Sra. Strega-Borgia, afastando bem os seus braços e atirando a cabeça para trás. Infelizmente isto teve o efeito de a fazer parecer uma mulher-morcego tresloucada, e Titus teve de desviar o olhar para não rebentar em gargalhadas.

— Minha querida — disse a Sra. McLachlan, alarmada —, lembre-se que a fúria pode toldar as suas decisões. Vamos, não seja precipitada...

A ama começou a descer as escadas na direcção da sua patroa, mas era já tarde demais. A Sra. Strega-Borgia tinha já retirado uma pequena varinha mágica descartável da sua carteira e movimentava-a agora

erraticamente em frente da sua cara. — Healerum, Holerum...

— Oh, não! — exclamou a Pandora. — *Esse não!*

— Stick... — a Sra. Strega-Borgia fez uma pausa, pensando na sequência correcta e continuou, determinada. — Stickitum Quickitum, Renderum Fix.

Houve um clarão, uma pequena explosão com uma nuvem de fumo cor-de-rosa e o ar ficou empestado com um cheiro inapropriado a creme anti-séptico.

— Oh, Céus! — gemeu a Sra. Strega-Borgia, cobrindo a face com as mãos.

— Oh, Céus, é a expressão correcta — resmungou Titus.

— Oh, por amor de Deus, querida. Não tentes arranjar o carro.

O Sr. Strega-Borgia entrou dentro de casa com Damp debaixo do braço e correu escadas acima. Apenas uns segundos mais tarde, todos ouviram a porta da casa de banho a fechar-se.

A Sra. McLachlan, com a boca a torcer-se de riso, veio até onde a Sra. Strega-Borgia se escondia debaixo do seu xaile, com os ombros a tremer e a soluçar por entre os seus dedos.

— Então, bichinha — disse a ama carinhosamente, — não é o fim do mundo. A previsão do tempo dá chuva para a tarde, e isso vai lavar tudo. Depois podemos chamar alguém para arranjar o telhado duma maneira... hum... mais tradicional.

A Sra. Strega-Borgia espreitou por entre os dedos. — Oh, Flora — gemeu ela. — Sou imprestável. Olha para aquilo. Olha para o que eu fiz.

Nesse momento, o Sol resolveu sair por detrás das nuvens e iluminar a torre mais alta do castelo de Strega. A visão de oito metros quadrados de plástico cor-de-rosa cheio de buracos por cima das pedras cinzentas do telhado era um bocadinho inquietante. Com um gemido, a Sra. Strega-Borgia correu par dentro de casa, com o seu xaile negro a esvoaçar atrás das costas.

— Oh, pobre mamã — disse Titus, horrivelmente embaraçado pela visão de lágrimas femininas. — Tenho de ir ver se a consigo animar.

Ele correu atrás da sua mãe, deixando Pandora e a Sra. McLachlan especadas a olhar para o telhado.

— Consegues arranjá-lo? — perguntou Pandora. — Sabes, com aquela tua espantosa caixa de maquiagem mágica?

A ama pôs imediatamente o dedo indicador à frente dos lábios, em sinal de silêncio.

Pandora franziu o sobrolho e insistiu: — Lembras-te? No verão passado? Tu tinhas aquela... aquela coisa que se transformava... — Ela parou. A expressão da Sra. McLachlan não era de todo encorajadora. Mais ainda, os olhos da ama tinham deixado de brilhar. Pandora tremeu. De repente, ficou enregelada até aos ossos.

— Céus, está na hora, não está? — disse a Sra. McLachlan olhando para o seu relógio. — O meu bolo estará pronto para sair do forno daqui a um minuto. E tu, minha menina, além de estares muito inquietadora, estás completamente gelada. Vamos, linda, para dentro.

Pegando no braço de Pandora, puxou-a na direção de casa. Nas escadas da entrada ela parou, colocou gentilmente um dedo nos lábios de Pandora e disse:

— Primeiro, eu não consigo arranjar o telhado. Segundo, já não tenho a caixa de maquiagem. Terceiro, troquei-a por uma coisa melhor e...

— Quarto? — perguntou Pandora esperançada.

— Se eu te prometer que te conto mais quando for o momento certo, podes por favor esquecer que tivemos esta conversa?

— Sim, prometo — disse Pandora, quase a rebenotar com um número infindável de perguntas ainda sem resposta, — mas...

— Não há mas, nem meio mas — disse a Sra. McLachlan de uma maneira que demonstrava que não só o assunto estava encerrado, como estava também selado, enclausurado e provavelmente arquivado.

Com um grande suspiro meio distorcido, Pandora seguiu a Sra. McLachlan para dentro de casa.



## Problemas de Dinheiro

**D**esde os tempos mais remotos, demasiado distantes para de que alguém se possa lembrar, houve sempre pessoas a arranjar o telhado do castelo de Strega. Uma sucessão de operários sem medo das alturas escalaram as paredes de pedra do castelo até às suas torres mais altas e, de uma forma memorável, deitaram chumbo quente nas partes que precisavam de arranjo. Isto fazia com que o sótão ficasse sempre em chamas, dando início a grandes migrações temporárias de milhares de pequenas aranhas.

Tal como a ponte da Rua Quatro, o telhado do castelo de Strega nunca ficava totalmente arranjado. Mal um grupo de negociantes desaparecia por detrás das colinas carregando um cheque chorudo, logo outro aparecia, carregando andaimes e pedras, molhos de pequenos jornais com grandes cabeçalhos e várias garrafas-termo com um padrão de xadrez escocês.

Dois dias depois do incidente da queda das telhas, os Strega-Borgia depararam-se com a chegada de mais uma firma de empreiteiros para arranjar o telhado.

Havia sempre uma espécie de padrão, reparava Titus, andando à volta de uma grande terrina de sopa cheia de água, estrategicamente colocada debaixo da cúpula do *hall* de entrada. Primeiro que tudo, os homens, quando chegavam, tinham uma reunião com a mãe. Havia sempre muitas inspirações de ar por entre os dentes – a ferocidade das inalações, indicava o quanto o trabalho iria custar. Isto era seguido por uma descoberta traumática: poucos telemóveis funcionavam ali naquele sítio tão distante. Depois, era o início da construção de uma teia de andaimes, todos ferrugentos; esta era a parte favorita do Titus, pois, desde que começara a ouvir aqueles homens em acção, o seu vocabulário anglo-saxónico havia aumentado espectacularmente.

Titus praticou algumas dessas palavras quando os seus pés descalços tocaram num tapete encharcado no *hall* de entrada.

— Eu ouvi isso — refilou a Sra. McLachlan, que apareceu a correr pelo corredor, vinda da cozinha. — Perdi a Damp outra vez — disse ela —, e ouvi o carteiro. Mas onde é que está o correio?

O som distante do autoclismo seguido de uma cacofonia na canalização do castelo de Strega, alertou-os para o sítio onde a Damp devia estar.

— OH, POR AMOR DE DEUS! — gritou a Sra. McLachlan. — DAMP! PÁRA COM ISSO! — E foi gritando ao longo do corredor, fazendo barulhos com

tachos e painéis, numa tentativa vã de distrair a bebé da sua última descoberta: Damp descobrira que os autoclismos podiam fazer desaparecer as mais variadas coisas!

Titus arrastou-se lentamente para a cozinha à procura do pequeno-almoço.

Um estranho cheiro de *aftershave* invadiu-lhe as narinas. A origem desse cheiro provinha de um homem careca que estava estendido em cima da mesa da cozinha da Sra. Strega-Borgia. Papéis e folhetos estavam espalhados por entre chávenas de café e restos do pequeno-almoço.

A mãe do Titus, de sobrolho franzido, escrevinhava números na parte detrás de um envelope.

“Que aborrecimento”, pensou Titus, vasculhando as prateleiras do frigorífico.

— Blheec — disse ele, ao descobrir que um saco de papel que até parecia promissor estava afinal cheio de couves de Bruxelas.

— Veja isto desta maneira, Sra. Segá-Porche — disse o homem careca, a agitar a chávena de café pelo ar. — É como o dentista dizer que os seus dentes estão óptimos, mas tem que lhe tirar as gengivas...

— Não sei bem se estou a entender — murmurou a Sra. Strega-Borgia, levantando o olhar do envelope e franzindo ainda mais o sobrolho.

— A propósito, o seu café está excelente — disse o careca, sorvendo o café da chávena para dar mais ênfase —, o melhor que bebo há anos... de qualquer modo, o seu telhado está bem. Óptimo. Nos trinques. Fantástico.

— E? — disse a Sra. Strega-Borgia olhando para ele. O Titus encontrou o que queria e enfiou-o no bolso do seu pijama.

— Desculpe lá, Sr. Pile-Um — disse a Sra. Strega-Borgia.

— Pylum-Haight — corrigiu o homem careca.

— De facto — a voz da Sra. Strega-Borgia adquiriu um tom gelado. — Desculpe. Titus, põe lá isso.

— Mãããeeee, só um rebuçado pequenino.

— Põe lá isso, Titus. Estou sem paciência para discussões.

— Mas eu só quero ver se funciona — pedinchou Titus, acrescentando de forma irónica: — Nenhum dos teus outros feitiços funciona...

A Sra. Strega-Borgia levantou-se, atirando um monte de folhetos para o chão da cozinha. Titus olhou para ela e entregou-lhe uma pequena ampola de vidro. A Sra. Strega-Borgia sentou-se outra vez e presenteou o seu visitante com um sorriso amarelo enquanto colocava a ampola de vidro à frente dela em cima da mesa. O Sr. Pylum-Haight, através do vidro da cafeteira que aumentava a letra, conseguia ler a etiqueta que estava colada na ampola.

*Tintura dos dentes do Ffup  
Para ser diluído x 10  
5 ml. é equivalente a 1 batalhão*

Tentando arquivar este novo conhecimento em “coisas esquisitas que os clientes guardam no frigorífico”, Pylum-Haight continuou:

— Como eu estava a dizer, o seu telhado está em grande forma, mas, as vigas que o suportam... — fez uma pausa e inspirou uma grande golfada de ar para os pulmões de forma dramática. — Temo que estejam podres até ao tutano. De facto, têm muita sorte de ainda não vos ter desabado tudo em cima da cabeça, principalmente com toda esta chuva que tem caído...

Ao entrecruzar o seu olhar com o olhar de aço da Sra. Strega-Borgia, ele fraquejou e deu um grande gole de café frio para se recompor.

— Então... Sr. Pylum-Haight... de que é que estamos a falar afinal?

A Sra. Strega-Borgia dobrou o seu envelope de cálculos em pequenas partes e pô-lo de lado.

Titus sentou-se na outra ponta da mesa da cozinha e esperou. “Agora não seria a melhor altura para pedir um aumento da mesada de acordo com a inflação”, pensou ele.

— Uma estimativa pouco exacta... assim tirada da minha cabeça, sem ser muito definitiva, pouco cimentada nem fundamentada, digamos que, muito por alto... hum...

— Quanto? — insistiu a Sra. Strega-Borgia.

O Sr. Pylum-Haight escreveu uma quantia na parte de trás de um cartão de negócios e levantou-se. — Pense um bocadinho — aconselhou ele. — É um grande trabalho. É muito caro manter o telhado destas casas antigas. Conheço vários clientes que adorariam ficar com ele. Arranje algo mais prático e fácil de manter. Mais moderno. Talvez o seu marido queira telefonar-me para discutirmos o assunto... — A sua voz

foi baixando à medida que ia dobrando e arrumando todas as brochuras e papéis que estavam em cima da mesa para dentro de uma mala de pele de crocodilo. — Prazer em... hum... obrigado por... er... Bem, entraremos em contacto — murmurou ele, esgueirando-se para a porta da cozinha. — Eu sei o caminho... hum... obrigado mais uma vez.

Quase de bicos de pés, retirou-se para o corredor, deixando um rasto de *aftershave* atrás de si. Titus ouviu o som dos passos a afastarem-se. A porta da rua rangeu ao abrir-se e, segundos depois, bateu, ao fechar-se.

Com o barulho de fundo do relógio de cozinha, podia ouvir-se o motor do carro, o barulho da gravilha do chão por baixo dos pneus a derrapar e a buzina quando Tock, o crocodilo guardião do fosso, resolveu fazer uma despedida à sua maneira muito própria.

— Mãe?

— Agora não, Titus — murmurou a Sra. Strega-Borgia, abanando a mão distraidamente à volta da cabeça, como se estivesse a enxotar uma mosca. Ela deitou uma espreitadela ao cartão de negócios, como se este tivesse alguma praga de bactérias letais. — Preciso de encontrar o teu pai.

Relutantemente, ela pegou no cartão e começou a andar como se estivesse sonâmbula.

— Ele está lá em cima a arranjar o meu *modem* — disse Titus. — Mãe, o que se passa? Desculpa lá o comentário que fiz acerca dos teus feitiços. Não foi por mal.

A Sra. Strega-Borgia virou-se, com a face muito pálida e suada. — Não é o teu ataque às minhas capacidades de bruxa, Titus. Não é nada... — olhou rapidamente para o cartão nas suas mãos —, nada que seiscentos e oitenta e seis mil, oitocentos e setenta e cinco euros e setenta e dois cêntimos, mais dezanove por cento de IVA, não resolvam.

A porta da cozinha fechou-se assim que ela saiu, deixando Titus completamente espedado com um ar desanimado na mesa da cozinha. Pegando numa brochura que ali tinha ficado e no lápis da sua mãe, ele calculou que, para atingir aquela soma com a sua actual mesada, levaria aproximadamente uns meros três milénios e meio. O folheto mostrava a fotografia de uma família ideal em frente da sua nova casa. Aparecia um cão, um gato, um bebé e duas crianças com um ar muito feliz ladeadas por uns pais sorridentes. A nova casa por detrás deles estava construída a partir de um modelo que qualquer criança de cinco anos poderia desenhar: uma porta da frente, uma janela de cada lado, três janelas em cima e um telhado perfeito. Na legenda podia ler-se:

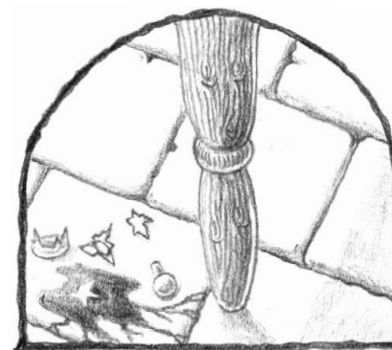
**A família Buccleuch na sua casa em Bogginview. As casas em que podemos confiar. Casas para criar a sua família. BOGGINVIEW. Uma construção de qualidade feita por BELLAVISTA INC...**

“Não se assemelha à *nossa* casa, nem mesmo remotamente,” pensou Titus. “Se eles tivessem decidido fazer uma brochura acerca do castelo de Strega, de



certeza que estaria escrito «Os Strega-Borgia na sua casa com o seu Dragão, o seu Abominável homem das neves, o seu Grifo e... oh sim, o seu Crocodilo guardião do fosso. Por detrás deles podem ainda ver o modesto castelo de Strega, que mais parece uma mistura entre um castelo de fadas e um cenário do filme *Vlad – o vampiro em tempos difíceis...*» Pois.”

Titus atirou a brochura para cima da mesa da cozinha. “E aposto que o frigorífico da família Buccleuch está cheio de *pizzas* e bolos de chocolate, em vez daquelas couves de Bruxelas horrorosas”, matutou ele, desviando-se de um penico cheio que se encontrava no seu caminho para o quarto. “Não admira que eles estivessem tão felizes”, concluiu ele.



## Monstros no Quarto

**A** vida no castelo de Strega tinha os seus inconvenientes. Para começar, ficava a vinte quilómetros da vila mais próxima e, finalmente, quando se chegava lá, depois de passar por caminhos de terra cheios de buracos e poças tão grandes que podiam esconder pequenos submarinos, perguntávamo-nos porque é que nos tínhamos dado ao trabalho. Auchenlochtermuchty tinha três bares, um hotel, quatro bancos, uma loja que se auto-intitulava *Empório da Ferragem*, mas que na realidade vendia tudo, desde postais com ferraduras a ferramentas de jardim, e um minimercado que nunca tinha nada do que se precisava, mas tinha montanhas de coisas que ninguém precisava.

“Nem uma piscina,” pensou o Titus, “nem um cinema, nem uma loja de chocolates...”

Triste, ele abriu a porta do seu quarto. As cortinas estavam fechadas e o quarto encontrava-se numa